

Prefácio

O general Augusto Pinochet é um dos políticos latino-americanos mais conhecidos no mundo. Gostem os chilenos ou não, o nome do ex-ditador é lembrado na Ásia, África, Américas e Europa por motoristas de táxi, embaixadores, ambulantes e presidentes. Pinochet está na mesma categoria que Francisco Franco, Joseph Stálin, Ferdinand Marcos e o xá do Irã.

O nome do ditador chileno não deslizou para a obscuridade com sua morte, em dezembro de 2006. Em outubro de 2007, cerca de 100 estudantes que realizavam uma manifestação na Universidade de Teerã contra o presidente Mahmoud Ahmadinejad, exigindo a libertação de colegas presos, cantavam: “Ahmadinejad é Pinochet. O Irã não será o Chile!” Ao concorrer às eleições presidenciais de 2008, o ex-campeão de xadrez Gary Kasparov acusou Vladimir Putin de ser o Pinochet da Rússia, e foi se aconselhar com ex-dissidentes chilenos. O ex-ditador do Chade, Hissene Hebré, era amplamente conhecido como “o Pinochet africano”.

Diversos líderes mundiais encontraram inspiração para entrar na política precisamente quando se uniram à causa da democracia chilena. A luta do Chile contra Pinochet tornou-se um célebre pleito internacional. O atual movimento global em prol dos direitos humanos emergiu dos protestos e denúncias em todo o globo contra a ditadura de Pinochet, liderados pela Anistia Internacional e numerosas ONGs de direitos humanos.

A derrubada do presidente socialista Salvador Allende por Pinochet, em 1973, levou o premier soviético Leonid Brejnev a reverter sua política habitual e a endossar o princípio da luta armada em países do Terceiro Mundo. A lição dada pelo golpe violento de Pinochet e pela posterior perda de influência do Partido Comunista no Chile foi tão importante para Moscou que o medo soviético de “um novo Chile” desencadeou a invasão do Afeganistão pela URSS, em 1979, para apoiar o regime comunista de Cabul.

A prisão do ex-ditador em Londres, em 1998, como decorrência do mandado expedido por um juiz espanhol, anunciou uma grande mudança na administração do direito internacional no tocante a ex-chefes de governo. A

partir daquele momento, nenhum ex-tirano podia estar certo de escapar do sistema global de Justiça.

Mas há controvérsias quando se trata de Pinochet e seu legado. Margaret Thatcher via-o como um baluarte contra o comunismo e um líder em matéria de privatização de empresas estatais – e reivindicou ativamente a libertação do ex-ditador. O Chile serviu como um laboratório bem-sucedido para Milton Friedman, ganhador do Prêmio Nobel de Economia, e suas teorias monetaristas, adotadas por economistas chilenos formados na Universidade de Chicago. O Chile de Pinochet se tornaria depois o bom aluno do Fundo Monetário Internacional (FMI), a inspiração do Consenso de Washington, o conjunto de diretrizes ditadas pelo FMI que apontavam o rumo a ser seguido pelos países a fim de “pôr a casa em ordem do ponto de vista econômico” e crescer. A planejada reforma da Previdência Social do presidente George W. Bush foi inspirada na mudança do sistema de pensões imposto por Pinochet em 1980 – e mais tarde implantado em muitos países.

Nos anos 1970, o Chile de Pinochet foi foco de um debate sem precedentes no Congresso americano sobre as ações clandestinas dos Estados Unidos e a política de direitos humanos. As audiências marcaram o início do questionamento do Executivo pelo Legislativo a respeito da condução da política externa. Richard Helms foi o primeiro diretor da CIA a ser processado, por deixar de responder, no Senado, a perguntas sobre a investigação que se fazia do caso chileno. Os nomes de Richard Nixon e Henry Kissinger tornaram-se inextricavelmente vinculados a Pinochet e ao Chile. Ambos dedicaram tempo e recursos extraordinários à erradicação do que percebiam como uma “ameaça vermelha” nas Américas, e apoiaram Pinochet com entusiasmo.

O propósito deste livro é investigar o impacto de Pinochet na história contemporânea, bem como os vários significados e símbolos que sua figura evoca. Não se trata de uma biografia, mas de uma análise de sua época e de seu legado. Num sentido, são minhas memórias políticas acerca de Pinochet e seu tempo. Por causa do ditador, muitas vidas mudaram, e nossos planos anteriores passaram a se subordinar à prioridade do combate à ditadura. Como complemento às minhas experiências, lancei mão aqui de inúmeras entrevistas com pessoas importantes, de documentação confidencial e da

vasta cobertura jornalística no período Pinochet, para narrar acontecimentos e detalhes de muitos episódios desconhecidos do público em geral.

Pinochet não corresponde exatamente à caricatura de ditadores latino-americanos que vemos em filmes de Hollywood ou no grande romance de Gabriel García Márquez, *O outono do patriarca*. Certamente não foi um Bismarck – tampouco apenas mais um Somoza. Foi um intelectual limitado que, situado numa encruzilhada histórica, dirigiu um processo de mudanças no Chile com poderoso impacto internacional.

A maioria dos ditadores latino-americanos administrou economias desastrosas. Pinochet foi exceção. De início, pendeu para as políticas econômicas nacionalistas. Foi o almirante José Toribio Merino quem o pressionou para aceitar um novo modelo econômico, exatamente como outrora o pressionara para se juntar ao golpe. Merino foi o verdadeiro líder do movimento militar – e o líder virtual do “golpe econômico”. Mas, tal como em 11 de setembro de 1973, quando não tinha escolha a não ser aderir – embora tenha assumido o controle, uma vez a bordo –, Pinochet aceitou o plano econômico dos Chicago Boys e tornou-se aos poucos um verdadeiro defensor do projeto. Sem esse modelo econômico revolucionário, o general seria um capítulo menor na história dos ditadores militares latino-americanos.

Embora para muitos ele encarne o emblema da crueldade no século XX, em consequência dos resultados econômicos que obteve alguns o veem como o líder que, apesar do regime tirânico, levou a nação à recuperação econômica e lançou as bases do crescimento e da modernização. A pergunta angustiante é: Pinochet era necessário? Poderia o Chile ter alcançado a atual prosperidade sem ele? Este livro tratará dessas questões.

A ideologia de Pinochet era o interesse próprio. Em tempos de compromissos e causas veementes, sua política era a *realpolitik*: ser pragmático, parecer neutro e cultivar a confiança daqueles que tinham poder e autoridade. Militar na ativa por mais tempo que qualquer outro soldado no mundo, Pinochet foi acima de tudo um sobrevivente. Não obstante todas as suas fraquezas éticas e intelectuais, ele tinha um notável instinto de poder.

O general Pinochet não era um ditador absoluto, embora quisesse sê-lo. Acumulou um poder enorme, mas reconhecia suas limitações. Sabia como exercer autoridade e era esperto o bastante para confiar em seus conselheiros próximos, os quais, em geral, escolhia muito bem. Não era inteligente, mas

astuto. “Ele não chegou aonde chegou lançando mão de um esquema cuidadosamente planejado, mas tirando vantagem de circunstâncias favoráveis”, disse-me o ex-presidente chileno Patricio Aylwin.

Em última análise, Pinochet foi o produto acidental de uma polarização pela qual o mundo passou no final da década de 1960 e começo da de 1970, como resultado de vários fatores: a intensificação das políticas anticomunistas nos Estados Unidos em resposta à Revolução Cubana; as doutrinas de segurança nacional adotadas pelos regimes militares sul-americanos; os distúrbios de 1968 em Paris; a sufocada Primavera de Praga; a Guerra do Vietnã; os protestos antiguerra do movimento por direitos civis nos Estados Unidos; o movimento guerrilheiro de Che Guevara na Bolívia; o massacre dos estudantes na Praça Tlatelolco, na Cidade do México; e até a vigorosa mensagem anticapitalista do Vaticano.

Essa realidade internacional se refletiu no Chile. As tensões locais se aprofundaram quando a esquerda socialista começou a reivindicar mudanças revolucionárias, a direita defendeu o *status quo* com ferocidade crescente e o centro, em vez de desempenhar um papel pragmático, ficou imóvel entre as tendências polarizadas do país. Por conseguinte, os partidos se mostraram incapazes de formar coalizões de maioria para governar, e rompeu-se o consenso político.

Este livro começa com os acontecimentos de 11 de setembro – não o de 2001, mas um 11 de setembro diferente, o dia do golpe de Estado de 1973, que pôs fim ao governo constitucional do presidente Salvador Allende no Chile. Aderindo ao golpe no último minuto, Pinochet ascendeu rapidamente ao poder supremo, tornando-se o *primus inter pares* de seus colegas, criando uma ditadura pessoal e transformando a polícia secreta num instrumento de terror. Fez uma parceria com os Chicago Boys a fim de usar a ditadura para reerguer um sistema produtivo arruinado e tentar “recriar” a economia e a política chilenas.

A princípio Pinochet foi recebido calorosamente pela Casa Branca, mas a complexa relação entre Chile e Estados Unidos se tornou mais difícil quando a polícia secreta do ditador assassinou Orlando Letelier, antigo ministro de Salvador Allende, nas ruas de Washington; e mais tarde, quando o modelo de desenvolvimento econômico de Chicago começou a vacilar, com consequências políticas inevitáveis. Pinochet personificava o dilema que os Estados

Unidos viviam havia décadas na América Latina. Ele encarnava as políticas de livre mercado que Washington advogava para as nações em desenvolvimento, mas derrubara um governo democraticamente eleito e mantinha o poder pela repressão. Era um firme combatente da Guerra Fria, mas não conseguiu entender que, com o enfraquecimento da União Soviética, os Estados Unidos precisavam menos dele – e que ele absolutamente não era mais necessário depois que o conflito Leste-Oeste teve fim.

No começo dos anos 1980, a luta pela democracia começou a sair da clandestinidade e a desenvolver atividades abertas, das quais fui participante ativo. Havia muita discordância sobre a melhor estratégia para lutar contra Pinochet. O Partido Comunista optou pela luta armada – o braço armado do partido até tentou matar o ditador –, enquanto os demais mudaram a estratégia inicial de protestos e adotaram a controvertida participação no plebiscito de 1988, em que Pinochet, sob sua própria Constituição de 1980, foi candidato único numa votação decisiva entre “sim” e “não”. A chocante vitória do “não” anunciou o último capítulo do domínio do general.

Quando a democracia voltou ao Chile, em 1990, Pinochet não foi embora. Alguns argumentaram que os governos democráticos administravam a economia com eficiência, mas que aquela era uma democracia sob a tutela de Pinochet, já que ele continuava no leme do Exército e depois se estabeleceu no Congresso, como senador vitalício.

Em outubro de 1998, para surpresa do mundo, Pinochet foi detido numa clínica em Londres, por violação dos direitos humanos, a pedido do juiz espanhol Baltasar Garzón. Quando as autoridades britânicas permitiram que o general retornasse ao Chile por motivos de saúde, em março de 2000, ele finalmente foi acusado pela lei chilena e posto em prisão domiciliar como criminoso. Ironicamente, não caiu em desgraça por acusações de violação dos direitos humanos, mas por uma investigação relacionada a terrorismo, levada a efeito nos Estados Unidos, a respeito de dinheiro não declarado que vinha escondendo, sob vários nomes fictícios e de membros de sua família, em contas no Riggs Bank e em outras instituições no mundo inteiro.

Pinochet morreu em dezembro de 2006. Antes disso ele viu, um a um, seus colaboradores mais próximos irem para a cadeia, alguns responsabilizando-o diretamente. Embora estivesse sob prisão domiciliar quando morreu, jamais foi condenado por qualquer dos crimes de que era acusado. Quase

quatro décadas depois do massacre de seus oponentes políticos, ainda não se encontraram os corpos de muitos chilenos desaparecidos.

Pinochet marcou uma geração de chilenos e atingiu um número incontável de pessoas no mundo todo. Para muitos compatriotas, ele produziu a perda esmagadora da inocência. Mais uma vez Dom Quixote foi derrotado. Nós acreditávamos que nosso país era diferente do resto da América Latina e não cairia presa dos horrores de uma ditadura. Alguns de nós teríamos seguido vidas totalmente diferentes se Pinochet não tivesse existido. Muitos, como eu, decidiram que a única escolha moral era lutar contra ele e contribuir para a restauração da democracia no Chile. Estou entre os afortunados para quem a luta acabou bem, embora vá carregar para sempre profundas cicatrizes emocionais da era Pinochet.